

Alberto Machado da Rosa: Professor inspirado e inspirador

Francisco Cota Fagundes

Evocar, à distância de quase 50 anos, um professor com quem fizemos uma meia dúzia de cursos poderá parecer tarefa difícil. Tratando-se de uma evocação de Alberto Machado da Rosa, porém, a tarefa simplifica-se. “Que lembramos dos nossos professores?” – pergunta esta que já me fiz várias vezes em trabalhos paratextuais a obras de professores meus e em vários volumes que tenho editado ao longo dos anos em homenagem a professores e mentores que tive: Jorge de Sena, Eduardo Mayone Dias, Claude L. Hulet, Mécia de Sena, Daniel de Sá.

Num dos meus escritos, tentei responder à seguinte questão: De todos os professores que tenho tido desde que comecei os meus estudos na Los Angeles Valley College, em Van Nuys, em fevereiro de 1967, até ao ano em que concluí o meu doutoramento (Ph.D.) na Universidade da Califórnia em Los Angeles, em junho de 1976, que professor mais me marcou e me ensinou? A resposta, por difícil que pareça ao formular a pergunta, não foi tão difícil como eu de início esperava. Foi questão de a reformular com base não “em quem mais me ensinou e marcou?”, mas sim em “quem mais me *marcou* por me ter *inspirado*?”

O professor que mais me inspirou na Los Angeles Valley College, antes de eu me transferir para a Universidade da Califórnia em Los Angeles, onde viria a conhecer os meus professores de Português, foi o Mr. Roy Beaumont, professor de Filosofia que, como vim a descobrir, fizera um mestrado em inglês, não em filosofia, na Universidade da Califórnia em Berkeley. Sendo eu recém-chegado a Los Angeles (em meados de 1966) e sem haver frequentado nunca uma escola secundária, a minha mente e a minha vontade de sobreviver aos pontapés que a vida e os luso-americanos do Vale de San Joaquin me haviam dado, as ideias monumentais eram, para mim, uma festa, um emocionante fogo de artifício para o espírito. Imagine o leitor o que é, para um jovem de 22 anos, com uma cultura de 4ª classe feita na Agualva, Terceira, Açores, acrescida de umas dúzias de romances folhetinescos franceses em tradução portuguesa por cultura literária, ouvir pela primeira vez um professor falar eloquentemente e com pleno conhecimento da teoria da evolução e dos nomes de Charles Darwin e Herbert Spencer; e, no semestre seguinte, do humanismo contemporâneo, de figuras como Bertrand Russell e Albert Einstein, dos princípios básicos do humanismo de todos os tempos. Sim, os outros alunos – mais jovens do que eu, mas já com anos e anos de escolaridade no pelo – pareciam, e com razão, aborrecidos com mais uma explicação da teoria da evolução e demasiado inseguros para se deixarem embarcar na sondagem proposta por Mr. Beaumont a ideias enquistadas na consciência da maioria dos seus alunos, talvez de todos, demasiado imaturos para iniciarem, eles próprios, um escrutínio às ideias feitas, à religiosidade herdada, sem qualquer questionamento dos antepassados. Para os meus colegas, muito provavelmente a teoria da evolução já lhes havia sido apresentada várias vezes nas aulas de Biologia da escola secundária. Assuntos relacionados com um questionamento de ideias religiosas herdadas, presumo eu, ser-lhes-ia tabu. Para mim, ambas estas abaladoras discussões eram não só novidades mas autênticas revelações – que começariam a minar a criminoso iliteracia de que eu, com outros milhões de Portugueses que tiveram a infelicidade de nascer onde e quando eu também nasci e cresci até aos 18 anos – havia sido vítima no Portugal de Salazar, e a varrer do meu espírito as camadas de

medievalescas superstições religiosas, com a devida vénia às pessoas que são sinceramente, e não só obediente e ignorantemente, religiosas e no exercício da sua fé mantêm a sua integridade ética e moral.

Alberto Machado da Rosa era, no que respeita à análise literária praticada na aula, um irmão do professor Roy Beaumont. O seu magistério era inspirador. Não que essa fosse necessariamente a sua intenção. Mas era o que aflorava à superfície da experiência empolgante de assistir a uma das suas aulas de literatura. Imaginemos um grupo de alunos, quase todos eles de origem humilde imigrante, todos eles e elas com uma cultura ainda muito nos inícios de formação, e agora numa aula de literatura na Universidade da Califórnia em Los Angeles! Mas todos tínhamos coração, todos tínhamos inteligência, todos possuíamos sensibilidade. Era necessário para podermos dar o primeiro passo, tão-só quem soubesse despertar essas faculdades. E que melhor maneira de o fazer do que proporcionar-nos exemplos ao vivo! E assim, um poema, coisa viva, palpitava de vida na aula perante os olhos surpreendidos e quantas vezes atónitos dos alunos. Antes mesmo de ouvir falar de estética de receção, já a havíamos testemunhado e exercitado orientados por alguém dotado de uma sensibilidade aguçada e educada e com os dotes mais do que adequados para a verbalizar e dramatizar. Sim, um poema era uma criação que era possível recriar na aula. E mais: era uma criação que nós, com o tempo, com a leitura, com a prática e com a cultura paulatinamente adquirida, também viríamos a poder recriar. E essa posição frente ao texto literário ia sendo modificada e ajustada convenientemente para se acomodar, por exemplo, às primeiras páginas d'*Os Maias*, de Eça de Queirós, a um bem orquestrado romance neorrealista de Carlos de Oliveira, a uma obra existencialista de Vergílio Ferreira, a uma coletânea de contos de Miguel Torga. Denominador comum de todos os confrontos com os textos exemplificativos dos géneros mais variados, de épocas mais distantes ou próximas da nossa? A paixão pela obra de criação, sempre a paixão pelo texto literário, enriquecido sempre pela aparente *naturalidade* em que criação e recriação-interpretação pareciam ser apenas momentos diferentes do mesmo ato. A análise literária era uma experiência, mais do que uma busca de significados, embora cada um de nós ia “encontrando” os significados que se lhe iam deparando. Para Machado da Rosa dificilmente havia “textos herméticos”, desculpa sempre pronta dos professores que se tinham equivocado na disciplina que lecionavam – e para quem a análise de um poema era oferecer dele uma paráfrase lógica, como se um poema fosse um ensaio metrificado ou um artigo de jornal. O máximo que se poderia dizer de um texto nas aulas de Machado da Rosa era que *um* acesso ao seu interior ainda não fora encontrado, para ser experienciado; que *uma* maneira de o apropriarmos ainda não fora descoberta. Mas que insistíssemos. E que aprendêssemos que, com a poesia moderna – ou de qualquer época, aliás – andar à caça de significados nem sempre era a melhor maneira de os encontrar. E quantas vezes deveríamos suspender a procura de significados para nos abirmos às possibilidades de encontrar-lhe as *significâncias*. Quantas leituras haveremos feito que hoje não aceitaríamos. Quantas delas haverão sido infrutíferas ou nos terão levado por sendeiros intransitáveis e que, por isso, haverá sido necessário retroceder, encontrar outro caminho. Mas, aos poucos – e isso era o que contava – íamos conquistando, passo a passo, a coragem de dar, por nós próprios, mais um passo, de irmos construindo a sagrada autoconfiança sem a qual não há verdadeiro ensino e duradoura aprendizagem – que deve sempre ser autoaprendizagem: ensinar-se a si próprio.

Assim que, professor, nunca to disse porque não no sabia. Mas escrevo-o hoje aqui. Foste tu que me ensinaste que ante um texto literário, supremo ato de criação e comunicação, a melhor posição a assumir é ativar a criatividade de que somos possuídos e ir construindo, aos poucos, as bases sobre as quais assentarão uma cada vez mais enriquecida capacidade de (re)criar – sem a qual não poderemos enfrentar cabalmente nem a literatura nem a vida que está, em grande parte, nas nossas mãos construir. Foste tu o segundo professor que me ensinou e marcou – porque me *inspiraste*.